

## Quem avisa amigo é...

*HOLTZ, Abel. “Quem avisa amigo é...”. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2016.*

São tantos os problemas identificados no modelo comercial do setor elétrico, que geram motivação e sugestões na busca de sua adequação à nova realidade do país, que embaçam outro problema da maior importância para assegurar o suprimento da carga do Sistema Elétrico Brasileiro (SEB), qual seja, o uso da cota parte da energia do Paraguai produzida na Itaipu Binacional após 2023.

Ao lado da inadimplência quanto a indenizações de ativos não amortizados, à liquidação dos compromissos na comercialização, judicialização de pleitos, inadequação do sistema de transmissão, impedindo a adição de novas usinas, a baixa afluência em importantes bacias que ameaçam a produção de hidrelétricas, ação contra a construção de novas hidrelétricas pelos ambientalistas, a limitação de financiamentos de longo prazo dado as novas regras definidas pelo banco de desenvolvimento, a falta de mecanismos que mitiguem perdas cambiais para atrair o disponível montante de recursos no mercado internacional, etc., a energia de Itaipu, cuja destinação para o Brasil está definida em Tratado Internacional aceito e reconhecido, tem contestações por parte do Paraguai quanto ao ano no qual as obrigações assumidas serão plenamente atendidas.

Independente da discussão sobre se houve ou não uma boa administração da dívida assumida para viabilizar o empreendimento que definiria a fim das obrigações mútuas em 2018 ou de 2023, o evento ocorrido nestes dias deveria nos levar a ser mais atentos ao tema da continuidade da destinação da cota parte do nosso vizinho para assegurar o suprimento energético do Brasil.

O evento constatado foi que um “espirro” na demanda do Paraguai foi motivo de incremento relevante do Preço de Liquidação de Diferenças (PLD) do nosso mercado de eletricidade. Se em vez de um leve incremento no uso da energia de sua cota parte como verificado, ocorrer um crescimento relevante do uso desta cota parte para atender o programa de industrialização em curso no nosso vizinho – onde muitas empresas brasileiras estão se instalando em resposta a condições diferenciadas oferecidas pelo governo local, incluindo energia elétrica a preços bastante competitivos – ou então destinar uma boa parte desta energia de direito para nosso outro parceiro no MERCOSUL, a Argentina, por conta de negociação a preços atraentes, como ficaremos?

Para muitos, a possibilidade de destinar a maior parte da energia da cota parte do Paraguai para outros destinos não existe e que a discussão seria apenas de preços. Neste caso, deve-se ter em conta recentes informações publicadas em jornais no nosso vizinho, que afirmam que seu governo cogita vender a energia por cerca de US\$ 84.00/MWh a quem quiser contratar em contratos de longo prazo quando do fim das obrigações assumidas com a implantação da usina.

Qualquer preço que venha ser negociado com o Brasil significará um impacto importante na estrutura de preços da energia relevantes para a indústria e

consumidores.

A ativação do comércio entre membros do Mercosul e união para disputar mercados em todo o mundo, objetos de recentes encontros entre Ministros e Presidentes de membros do bloco, terão que incluir o planejamento da produção e destinação da energia elétrica de sorte a permitir de fato uma pujança competitiva das nossas indústrias.

Para as autoridades governamentais do setor elétrico, deverá ficar claro que não basta abordar as questões que têm prejudicado a expansão de geração e transmissão; a integração energética regional é cada vez menos um problema técnico de seminários e eventos, e cada vez mais uma questão concreta para a posição geopolítica do Brasil e sua segurança interna. O tema implica na percepção da extensão de sua importância e as consequências que podem ser impostas no desenvolvimento e geração de empregos e renda, se o Governo do Brasil não estabelecer uma estrutura competente e não liderar de forma estratégica e integrada com nossos parceiros e vizinhos, o necessário processo, vamos ter problemas logo ali.

***Abel Holtz é engenheiro, consultor na área de energia e negócios e diretor da Abel Holtz & Associados.***